RELATÓRIO TÉCNICO

53ª RODADA DO PENSAR A BAHIA – ETIC

Tema: O desafio de educar crianças, adolescentes e jovens na era digital: Um olhar para além da sala de aula

Convidada: Professora Dra. Ana Kátia Alves

Data de realização: 04/06/2025

Síntese curricular da convidada

A Professora Dra. Ana Kátia Alves possui uma vasta experiência na educação. Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), com pós-doutorado pela Universidade do Minho em Portugal e especialização em Metodologia do Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Pedagoga pela Faculdade de Educação da UFBA. Foi Professora Visitante Sênior no exterior nível associada 4. Possui experiência prática em educação infantil, alfabetizadora, coordenadora e gestora pedagógica de escolas e ONGs. É autora de obras, artigos e livros na área da educação.

Contextualização do tema

A Professora Ana Kátia, classifica o tema como extremamente necessário e fundamental no contexto de educar crianças e adolescentes na era digital. Para ela, a urgência do debate se deve ao fato de estarmos vivendo um profundo processo de reordenamento, de reconstrução cultural, com uma influência muito intensa dessa revolução tecnológica. Destaca que é neste novo mundo que precisamos compreender os novos modos de existir de crianças, homens e adolescentes.

A professora propôs um ponto de partida conceitual para entender as crianças e jovens como seres relacionais, ou seja, sujeitos que dependem de um mundo que também é produzido pelos adultos. Portanto, o comportamento digital das novas gerações é um reflexo direto do mundo que os adultos constroem. Para ilustrar a evolução dessa relação com a tecnologia, ela revisitou as gerações: da Geração X, do pós-guerra, passando pelos *Millennials* (Geração Y), os "nativos digitais", e pelos *Centennials* (Geração Z), já marcados pela internet e pela multitarefa, até chegar na Geração Alfa (pós-2010). Ressalta que os jovens do século XXI, que já nasceram totalmente imersos num mundo de

consumo rápido de informações, reconstrução da linguagem, uso pleno de redes sociais e por isso com maior possibilidade de baixa concentração, características consideradas como um grande desafio para a aprendizagem.

Contudo, a professora fez uma advertência essencial, sinalizando que é impossível discutir o tema sem considerar as exceções decorrentes das desigualdades que marcam esses modos de vida. Ela reintegrou que uma grande parcela dessas crianças, adolescentes e de jovens, que estão excluídas do acesso à tecnologia, é uma realidade que não pode ser ignorada.

Compreensão do problema

A Doutora apresentou um diagnóstico de um problema multifacetado dentro de um contexto de um país desigual. O ponto de partida da discussão foi a exposição de um dado alarmante: o Brasil hoje é o segundo país de maior tempo de tela do mundo. Ela destaca que esse é um grande problema que nós precisamos refletir, pois essa realidade impacta diretamente na vida de crianças e jovens.

As consequências dessa imersão digital são profundas. Na saúde, vão desde questões físicas, como a síndrome de "*text neck*" (síndrome do pescoço duro), a dor postural pelo uso constante do celular até graves impactos na saúde mental, como dependência, ansiedade, depressão, frutos de um cérebro superestimulado. No campo da educação, o desafio é a baixa concentração, uma vez que a velocidade das redes sociais, como o TikTok, torna difícil para os jovens se engajarem em conteúdo mais longos e complexos. A popularização da Inteligência Artificial trouxe um novo receio: o de formar jovens que sejam meras reproduções ou cópias, sem pensamento crítico ou autoria.

Ações e proposições

Diante desse diagnóstico, a parte final da conversa se voltou para a busca de alternativas. A professora Ana Kátia lembrou que o mundo já está reagindo, com um crescente movimento pela regulação. Registra que, atualmente, países como China, Canadá e Portugal adotaram leis para limitar o tempo de tela. No Brasil, mencionou a recente Lei nº 15.102/2025, que restringe o uso de celulares nas escolas, além das orientações da Sociedade Brasileira de Pediatria, que recomenda limites rigorosos de tempo de tela conforme a idade.

Porém, as soluções mais potentes são proativas e pedagógicas. A proposta central é a construção de um ecossistema digital com foco no humano, em que a tecnologia sirva à humanidade, e não o contrário. Na prática, isso se traduz em uma educação que desenvolva pensamento crítico, criativo, inventivo e ético. Para isso, é preciso fortalecer áreas do conhecimento que cultivam a subjetividade, como as ciências humanas e das artes para desenvolver empatia criatividade, colaboração e também a filosofia e a educação física.

A discussão culminou em uma proposta que sintetizou o espírito do encontro: a criação de um fórum ou uma rede de debate. Um espaço que, nas palavras da professora, precisa chegar nos bairros, convidando representantes de lideranças de cada comunidade. E, o mais importante, um espaço com participação dos jovens e adolescentes para apresentarem propostas. A ideia é romper com as soluções impostas de cima para baixo e começar a construir junto.